

EDITORIAL

Por Eloisa Aparecida de Castro - Editora Adjunta

Novamente a diversidade se faz presente nesta edição da *Revista de Saúde Mental e Subjetividade*. Ela abarca artigos produzidos no Rio Grande do Norte, Ceará, Rio Grande do Sul, Paraíba, São Paulo, Piauí e Minas Gerais. Essa ampla amostra de experiências contribui para que as(os) pesquisadoras(es) possam analisar atuações em vários espaços, considerando as peculiaridades regionais e, com isso, repensar as práticas, muitas vezes automatizadas, vislumbrando outros modos de pensar os fenômenos e construir intervenções. Ao longo de várias das edições da Revista Mental, destacamos uma importante presença de pesquisas que tratam de políticas públicas com recortes sobre olhares para diversas formas mais eficazes de produzir espaços de construção de saúde mental, resultando em contribuição relevante da Revista para as(os) trabalhadoras(es) e pesquisadoras(es) no campo da Saúde Mental.

Nesta edição, iniciamos com uma resenha que resgata a obra *História da Loucura na Idade Clássica* (1972). **Montenegro** pondera a respeito do binômio norma-patológico; Foucault (1926-1984) utiliza como alegoria uma obra escrita por Gogol (1834) -“Diário de um louco” - e aborda a loucura como mecanismo de exclusão social do sujeito. Montenegro ressalta a importância da retomada de textos como o escrito por Gogol (1834), considerando que tais análises podem favorecer o debate a respeito de critérios entre o normal e o patológico, criando um ambiente para o estabelecimento de estratégias que podem oferecer suporte a demandas atuais, como aquelas relativas à luta antimanicomial.

O artigo de **Costa et al.** resulta de pesquisa realizada por profissionais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte entre participantes de um Centro de Convivência. Dela resultou a identificação de fatores que interferem na produção de saúde mental, como o vínculo, a participação na gestão e o potencial da arte e da cultura neste processo. A análise realizada detectou que a precariedade dos serviços que deveriam ser ofertados pela Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) impacta negativamente no trabalho de produção de saúde mental.

Na sequência, o artigo de **Santos Lima et al.** aborda *A Comunicação Interprofissional no Matriciamento de Saúde Mental na Atenção Primária à Saúde*. Os autores apresentam o tema da comunicação como recorte para a análise do trabalho interprofissional no matriciamento de saúde mental no âmbito da Atenção Primária à Saúde. Têm destaque as relevantes contribuições para o trabalho em Saúde Mental ao considerar-se a importância da Atenção Primária no atendimento em rede e a troca de informações entre as equipes, a

fim de promover espaço para a troca de experiências e para a edificação de decisões clínicas democráticas que, efetivamente, considerem as necessidades do usuário e dos territórios.

Por sua vez, o artigo de **Carvalho et al.** dedica-se à escuta atenta de um grupo de pessoas que integram o povo tapuya kariri, povo originário que reside na Aldeia Gameleira, no Ceará. Tal estudo buscou analisar como os Tapuya percebem a própria saúde mental e quais fatores interferem nela. A pesquisa sugere que, para esse povo, a saúde mental depende grandemente de aspectos relativos à vida coletiva, à relação com a terra e com o território.

Com o objetivo de examinar as práticas utilizadas com os familiares de pessoas acompanhadas pela Associação Barbacenense de Assistência aos excepcionais, **Lopes; Oliveira e Batista** realizaram um levantamento no banco de dados da Associação, entre os anos de 1962 e de 1971. Buscou-se identificar qual era o envolvimento das famílias na assistência prestada ao público-alvo do serviço e as práticas orientadoras da instituição no atendimento/acompanhamento dessas famílias.

Envolvendo um tema bastante debatido na atualidade, **Nunes e Araujo** abordam a temática do autismo, focando no diagnóstico tardio. As autoras analisaram relatos de pessoas diagnosticadas, investigando como isso influenciou suas vidas. A pesquisa revelou que o diagnóstico tardio facilitou o recebimento de apoio comunitário e profissional, além de contribuir para o autoconhecimento e adaptação aos desafios enfrentados.

Delineando como público-alvo policiais civis do Estado de Minas Gerais, **Souza e Maniglia** estabelecem como tema a correlação entre a referida atividade laboral e a manifestação de transtornos mentais. A pesquisa alcançou resultados que apontam prevalências de mais de cinquenta por cento de sintomas de ansiedade e de depressão entre os entrevistados. Os dados apresentados no estudo são de grande relevância, tendo em vista que podem auxiliar no desenvolvimento de outras pesquisas e de projetos de intervenção. Além disso, podem proporcionar indicativos para a construção de estratégias de cuidado e de promoção específicas para prevenir e tratar acometimentos à saúde mental dos policiais.

Santos e Silva Junior investigam as consequências psicológicas do abandono paterno na infância. A pesquisa, realizada com estudantes universitários em Curitiba/PR, revelou uma alta taxa de adultos que sofreram esse tipo de abandono e apontou impactos negativos significativos no desenvolvimento dos filhos.

Retomando como tema os critérios de normalidade e de anormalidade estabelecidos na cultura, **Spaler et al.** em seu trabalho dedicam-se ao debate acerca das políticas neoliberais e de como tais políticas influenciam os processos de medicalização. Os autores identificaram as maneiras pelas quais, ao longo da história, a medicalização e as tecnologias de poder se emparelharam com o objetivo de exercer controle social.

A pesquisa de **Castro e Faria** aborda as limitações e possibilidades do ensino da psicanálise nas universidades, um tema atual diante da discussão sobre a criação de um curso de Psicanálise no Brasil. As autoras destacam a posição do fundador da psicanálise e de pesquisadores contemporâneos, argumentando que a formação de um psicanalista deve incluir análise pessoal, supervisão e base teórica, sendo insuficiente apenas o estudo teórico e práticas de estágio para essa formação. A presença do estudo teórico em cursos de formação

universitária é considerada importante para uma formação crítica, mas não é suficiente para tornar alguém um psicanalista.

Considerando a reunião dos trabalhos presentes nesta edição, abordando da noção de normalidade e patologia a tópicos relativos à formação de profissionais e as práticas no âmbito da saúde e da assistência social, desejamos que a leitura dos artigos aqui apresentados possa enriquecer aspectos críticos mais teóricos e/ou mais aplicados àqueles que se dedicarem à análise das produções apresentadas. Agradecemos às (aos) autoras (es) que contribuíram com o envio dos seus trabalhos; a apreciação crítica do Conselho Científico sobre esses trabalhos; à equipe editorial e de revisão; e, além disso, o indispensável suporte da Reitoria e dos membros da PRODIS pelo aporte do investimento e pelo reconhecimento da importância da entrega deste “serviço” às comunidades acadêmicas e não-acadêmicas através do acesso livre e gratuito desta produção acadêmico-científica.

